

[TT00173]

Guerras do alecrim e mangerona

Antônio José da, Silva

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Guerras do alecrim e mangerona

ÓPERA JOCO-SÉRIA

Que se representou no Teatro do Bairro Alto de Lisboa, no Carnaval de 1937, e no Teatro Ginástico, do Rio de Janeiro, numa série de espetáculos começados em 13 de novembro de 1939, por iniciativa do Serviço Nacional de Teatro do Ministério da Educação.

Interlocutores

Dom Gilvaz

Dom Fuas

Dom Tibúrcio

Dom Lancerote, velho

Dona Cloris,

Dona Nize,

Sobrinhas de Dom Lancerote.

Sevadilha, Graciosa, Criada.

Fagundes, Velha, Criada.

Simicúpio Gracioso, Criado de Dom Gilvaz.

PRIMEIRA PARTE

CENA PRIMEIRA

Prado, com casaria no fim. Saem Dona Cloris, Dona Nize e Sevadilha com os rostos cobertos; e Dom Fuas, Dom Gilvaz e Simicúpio, seguindo-as.

DOM GILVAZ - Diana destes bosques, cessem os acelerados desvios desse rigor, pois quando rêmora me suspendeis, sois imã, que me atraís. (Para D.Clor.)

DOM FUAS - Flora destes prados, suspendei a fatigada porfia de vosso desdem, que essa discorde fuga com que me desenganais, é harmoniosa atração de meus carinhos, pois nos passos desses retiros forma compassos o meu amor. (Para D. Nize)

SIMICÚPIO - E tu, que me vens atrás, serás a seringa destas brenhas; e para o seres com mais propriedade, deixa-te ficar mais atrás, pois apesar dos esquichos do teu rigor, hei-de ser conglutinado raboleva das tuas costas. (Para Sevadilha)

DONA CLORIS - Cavalheiro, se é que sois, peço-vos me não sigais, que mal sabeis o perigo, a que me expõe a vossa porfia. (Para D. Clor.)

DOM GILVAZ - Galhardo impossível, em cujas nubladas esferas ardem ocultos dois sóis e se abrasa patente um coração, permiti que esta vez seja fineza a desobediência; porque seria agravo de vossos reflexos negar-lhe o inteiro culto na visualidade desse esplendor, porque assim, formosa Ninfa, ou hei-de vervos ou seguir-vos, porque conheça, já que não o sol desse oriente, ao menos o oriente desse sol.

DONA NIZE - Já parece teima essa porfia: vêde, Senhor, que se me seguís, que impossibilitais o meio para ver-me outra vez.

DOM FUAS - Para que são, belíssimo encanto, esses avaros melindres do repúdio? Se já comecei a querer-vos, como posso deixar de segui-vos? Pois até não saber, ou quem sois, ou aonde habitais, serei eterno girassol de vossas luzes.

SEVADILHA - Ora basta já de porfia, senão vou revirando. (para Simicúpio)

SIMICÚPIO - Tem mão, Sarjeta encantadora, que com embiocadas denguiques, feita papão das almas, encobre olho e meio, para matares gente de meio olho: são escusados esses esconderelos, pois pela unha desse melindre conheço o leão desta cara.

DONA CLORIS - Isso já parece teima.

DOM GILVAZ - Isto é querer-vos.

DONA NIZE - Isso é porfia.

DOM FUAS - É adorar-vos.

SEVADILHA - Isto é empurração.

SIMICÚPIO - Agora , isto é bichancrear, pouco mais ou menos.

DOM GILVAZ - Senhoras, para que nos cansamos? Ainda que pareça grossaria não obedecer entendi que a nossa curiosidade e amor não permitirá que vos ausenteis sem ao menos com a certeza de vos tornarmos a ver, dando-nos também o seguro de onde morais, para que possa o nosso amor multiplicar os votos na peregrinação desses animados templos da formosura.

Guerras do alecrim e mangerona

DOM FUAS: Eis alí, senhora, o que queremos.

SEVADILHA: Em termos, sem tirar nem pôr.

Dona Clóris: Pois, senhor, se só por isso esperais, bastará que esse criado nos siga; porque de outra sorte destruí o mesmo que edificais.

Dom Gilvaz: E admitireis a minha fineza?

Dona Clóris: Sendo verdadeira, por que não?

Dom Fuas: Admitireis os repetidos sacrifícios de meu amor?

Dona Nize: Sim, se dita me abona?

Dom Gilvaz e Dom Fuas: Que essa dita me abona?

Dona Nize: Este ramos de Manjerona.

Dom Fuas: Na minha alma o disporei, para que sempre em virentes pompas se ostente troféu da Primavera.

Dom Gilvaz: Mereça eu igual favor para segurança da vossa palavra.

Dona Clóris: Este ramo de Alecrim, que tem as raízes no meu coração, seja o fiador que me abone.

Dom Gilvaz: Por único na minha estimação será este Alecrim o Fênix das plantas, que abrasando-se nos incêndios de meu peito, se eternizará no seu mesmo ardor.

Simicúpio: Isso é bom, segurar o barco; mas a tácita hipoteca não me cheira muito, digam o que quiserem os jardineiros.

Dona Clóris: Cada uma de nós estima tanto qualquer dessa plantas, que mais fácil será perder a vida, do que elas percam o crédito de verdadeiras.

Simicúpio: Ai! Basta, basta, já aqui não está quem falou: vossa mercês perdoem, que eu não sabia que eram do rancho do Alecrim e Manjerona: resta-me também que tu, consinheira minha, vivas arranchada com alguma ervinha, que me dê por prenda, pois também me quero segurar.

Sevadilha: Eis, aí tem esse mal-me-quer, que este é o meu rancho; estime-o bem, não o deixe murchar.

Simicúpio: Ditoso seria eu, se o teu malmequer se murchasse.

Dona Clóris: Pois, senhor, como estais satisfeito, desejarei estimásseis esse ramo, não tanto como prenda minha, mas por ser de Alecrim.

Dona Nize: O mesmo vos recomendo da Manjerona.

Dona Clóris: Advertindo que aquele que mais extremos fizer a nosso respeito, coroará de triunfos a Manjerona, ou Alecrim, para que se veja qual destas duas plantas tem mais poderosos influxos para vencer impossíveis.

Dona Nize: Desejara que triunfasse a Manjerona. (vai-se)

Dona Clóris: E eu o Alecrim. (Vai-se).

Sevadilha - Cuidado no mal-me-quer (Vai-se)

Simicúpio: Cuidado no bem-me-quer.

Dom Gilvaz: Ó Simicúpio, vai seguindo-as para sabermos aonde moram; anda, não as percas

de vista.

Simicúpio: Elas já lá vão a perder de vista; mas eu pelo faro as encontrarei, que sou lindo perdigueiro para estas caçadas. (Vai-se).

Dom Fuas: Quem serão, Dom Gilvaz, essas duas mulheres?

Dom Gilvaz: Essa pergunta não tem resposta, pois bem vistes o cuidado com que vendaram o rosto para ferir os corações como Cupido; mas pelo bom tratamento, e asseio, indicam ser gente abastada.

Dom Fuas: Oxalá que assim fora; porque em tal caso, admitindo os meus carinhos, poderei com a fortuna de esposo ser meeiro no cabedal.

Dom Gilvaz: Ai, amigo Dom Fuas, que direi eu, que ando pingando, pois já não morro de fome, por não ter sobre que cair morto?

Dom Fuas: Elas foram aturdidadas com palanfrórios.

Dom Gilvaz: Já que do mais somos famintos, ao menos sejamos fartos de palavras. (Entra Simicúpio)

Simicúpio: Já fica assinalada na carta de marear toda a Costa de Leste a Oeste, com seus cachopos, e baixios.

Dom Gilvaz: Aonde moram?

Simicúpio: são as nossas vizinhas, sobrinhas de Dom Lancerote, aquele mineiro velho, que veio das minas o ano passado.

Dom Fuas: Basta que são essas! Por isso elas cobriram o rosto.

Simicúpio: Isso tem elas, que não são descaradas; antes são tão sisudas, que nunca encararam para ninguém.

Dom Gilvaz: Uma delas sei eu, que se chama Dona Clóris.

Simicúpio: E a outra Dona Nize, isso sabia eu há muito tempo.

Dom Fuas: E como saberei eu, qual delas é a da Manjerona?

Simicúpio: isso é fácil, em sabendo-se qual é a do Alecrim, logo se sabe qual é a da Manjerona.

Dom Fuas: grande sutileza! Vamos Dom Gil.

Simicúpio: já que se vão, advertam de caminho, que segundo as notícias, que tenho, bem podem desistir da empresa; porque o velho é tão cioso das sobrinhas como do dinheiro; a casa é um recolhimento; as portas de bronze; as janelas de encerado; as frestas são óculos de ver ao longe, que nem ao perto se vêem; as trapeiras são zimbórios tão altos, que nem as nuvens lhe passam por alto; as paredes do jardim são mestras, e as chaves das portas discípulas, porque ainda não sabem abrir, mas só um bem há, e é, que tendo tudo tão forte, só o telhado é de vidro. Com que, senhores meus, outro ofício, contentem-se com cheirar a sua Manjerona e o seu Alecrim; que amor que entra pelo nariz, não é bem que chegue ao coração.

Dom Gilvaz: Simicúpio, não temo impossíveis, tendo da minha parte a tua indústria, que espero de ti apures toda a força de teu engenho para os combates dessa muralha.

Simicúpio: Ah! Senhor Dom Gilvaz, o meu Ariete já se acha mui cansado com tanto vaivém, pois nem todo o artifício de minhas máquinas pode abrir brecha nessa diamantina bolsa, que tão cerrada se dificulta aos meus merecimentos.

Guerras do alecrim e mangerona

Dom Gilvaz: Simicúpio amigo, tem ânimo, que se montamos a burra de Dom Lancerote, saltaremos de contentes.

Simicúpio: Tal é a minha desgraça e a sua miséria, que ainda com esta burra me dará dois couces.

Dom Gilvaz: Dom Fuas, ficai-vos embora, que me vou armar de esperanças, para que nos combates de amor triunfe o Alecrim.

Dom Fuas: D. Gil, vamos a forro, e a partido pois que Simicúpio é tão destro na matéria.

Dom Gilvaz: Por ora não pode ainda ser; deixai-me primeiro tentar o vau, que vós também navegareis no mar de Cupido.

Dom Fuas: Isso não merece a nossa amizade.

Dom Gilvaz: Se vós sois do rancho da Manjerona, já me podereis conhecer por inimigo declarado, seguindo eu a parcialidade do Alecrim; e como nas guerras destas plantas havemos os dois ser contrários, mal poderei socorrer-vos; e assim, ficai-vos embora, Dom Fuas, e viva o Alecrim. (vai-se)

Simicúpio: E viva o malmequer. (vai-se)

Dom Fuas: Viverá a Manjerona apesar do mais intensivo ardor de opostos Planetas.

(Sai Fagundes com manto e capelo)

Fagundes: E bom sumiço! Aonde estarão estas meninas, que há mais de quatro horas que foram à Missa, e ainda não há rumo delas? Meu senhor, vossa mercê acaso veria por aqui duas mulheres com uma criada?

Dom Fuas: Que sinais tinham?

Fagundes: Tinha uma delas uns sinais pretos no rosto, e a outra uns sinais de bexigas.

Dom Fuas: E que mais?

Fagundes: Uma delas tem os olhos verdes, cor de pimentão, que não está maduro, e a outra olhos pardos, como raiz de oliveira; uma tem cova na barba, e a outra barba na cova, uma tem espinhela caída, e a outra um leicengo num braço.

Dom Fuas: Com esses sinais, nunca vi mulher nesta vida.

Fagundes: Meu senhor, uma delas trazia um ramo de Alecrim no peito, e a outra de Manjerona.

Dom Fuas: Vi muito bem, que são as sobrinhas de Dom Lancerote.

Fagundes: Essas mesmas são: ora diga-me, aonde as viu?

Dom Fuas: Promete vossa mercê fazer-me quanto lhe eu pedir?

Fagundes: Ai, que coisa me pedirá vossa mercê, que lhe não faça, dizendo-me aonde estão as minhas meninas?

Dom Fuas: Pois descanse, que elas aqui estiveram, e agora foram para casa.

Fagundes: Ai, boas novas tenha.

Dom Fuas: Ora, pois, em alvíssaras desta boa nova quero me diga como se chama...

Fagundes: Eu? Ambrósia Fagundes, para servir a vossa mercê.

Dom Fuas: Digo, como se chama a que trazia a Manjerona no peito?

Fagundes: Chama-se Dona Nize.

Dom Fuas: Pois, Senhora Ambrósia Fagundes, saiba que eu adoro tão excessivamente a Dona Nize, que em prêmio do meu extremo me franqueou este ramo de Manjerona.

Fagundes: É verdade, que pelo cheiro o conheço, que é o mesmo.

Dom Fuas: E como me dizem os impossíveis, que há de a poder comunicar, quisera dever-lhe a galantaria de ser minha protetora nesta amorosa pretensão; e fie de mim, que o prêmio há de ser igual ao meu desejo.

Fagundes: Meu senhor, difícil empresa toma vossa mercê; porque além da excessiva cautela do tio, que nisto não se fala, uma delas está para casar com um primo, que hoje se espera de fora da terra, e a outra qualquer dia vai a ser freira; com que, meu senhor, desengane-se, que ali não há que arranhar.

Dom Fuas: E qual delas é a que casa?

Fagundes: Ainda se não sabe; porque o noivo vem à escolha daquela que lhe mais agradar.

Dom Fuas: Como o vencer impossíveis é próprio de um verdadeiro amante, nós havemos intentar esta empresa, saia o que sair; que a diligência é mãe de boa ventura: favoreça-me vossa mercê, Senhora Fagundes, com o seu voto, que eu terei bom despacho no tribunal de Cupido; tenho dinheiro e resolução, e tendo a vossa mercê da minha parte, certo tenho o triunfo da Manjerona.

Fagundes: Pois por mim não se desmanche a festa, que eu não sou desmancha-prazeres; esta noite o espero debaixo da janela do cozinha; sabe onde é?

Dom Fuas: Bem sei.

Fagundes: Pois espere-me aí, que eu lhe direi o que há na matéria.

Dom Fuas: Deixe-me beijar-lhe os pés, ó insigne Fagundes, feliz corretora de Cupido.

Fagundes: Ai! Levante-se, senhor, não me beije os pés, que os tenho agora mui suados e um tanto fétidos; descanse, senhor, que Dona Nize há de ser sua apesar das cautelas do tio, e das carícias do noivo.

Dom Fuas: Se tal consigo, não tenho mais que desejar.

Canta Dom Fuás a seguinte ÁRIAS

Se chego a vencer

De Nize o rigor,

De gosto morrer

Você me verá.

Porém se um favor

Alenta o viver,

Quem morre de amor

Mais vida terá.

(vai-se)

Fagundes: Estes homens, tanto que são amantes, logo são músicos; e eu neste terei boa melgueira; e mais eu que sou abelha mestra, que hei de chupar o mel da Manjerona, e do
Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Guerras do alecrim e mangerona

Alecrim.

CENA I I

Câmara. Saem Dona Nize, Dona Clóris e Sevadilha.

Sevadilha: Ai, senhora, que ainda não creio que estamos em casa, pois vimos mais tarde, não nos acha o senhor velho!

Dona Clóris: Em boa nos metemos!

Dona Nize: Nunca tal nos sucedeu; que te parece, Dona Clóris, a porfia daqueles homens em nos querer conhecer?

Sevadilha: Sim, senhora, como se nós fossemos suas conhecidas.

Dona Clóris: E a facilidade com que se entromam logo estes homens, é o que mais me admira!

Sevadilha: Pois o maldito do Criado, que tanto se meteu comigo, como piolho por costura!

Dona Clóris: Que te veio dizendo?

Sevadilha: Mil despropósitos misturados com várias finezas esfarrapadas.

(Sai Fagundes com o manto apanhado no braço).

Fagundes: Ainda esses Alecrins, e Manjeronas, hão- de dar- nos narizes a muita gente.

Dona Nize: Que diz, Fagundes?

Fagundes: Digo que bem escusados eram estes sustos: ora, digam-me, senhoras, se seu tio viesse, e as não achasse em casa, que seria de mim?

Dona Clóris: Não falemos nisso, que ainda estou a tremer.

Fagundes: Apostemos, que isso foram conselhos desta senhora, que aqui está?

Sevadilha: Apelo eu, que testemunho! Olhe o diabo da mulher, parece que me tem tomado à sua conta!

Fagundes: Coitada, como se desconjura!

Sevadilha: Ainda por amor dela me hei- de ir desta casa. (Sai Dom Lancerote)

Dom Lancerote: Fagundes, depressa vá deitar mais um ovo nos espinafres, que aí vem meu sobrinho Dom Tibúrcio, já que sou tão desgraçado que por mais meia hora não chega depois de jantar.

Fagundes: Eu vou, meu senhor, mas cuido que o noivo a estas horas comerá novilho.

Dom Lancerote: Agora, minhas sobrinhas, é chegado o vosso esposo; não tenho que encomendar-vos o modo com que o haveis de tratar.

Dona Clóris : (à parte. Já vem tarde.

Dona Nize: (à parte) Veremos a cara a este noivo.

Sevadilha: (à parte) - Pois dizem que é um galante lapuz.

(Sai Dom Tibúrcio com botas, vestido ridicularmente) .

Dom Lancerote: Amado sobrinho, dá-me os braços. É possível que veja a um filho de meu irmão!

Dom Tibúrcio: Sim, senhor; mas primeiro mande vossa mercê ter cuidado naquelas choiriças que vem no alforje, não as dizime o arrieiro, que tem em cada mão cinco aguirrapantes.

Guerras do alecrim e mangerona

Dom Lancerote: Isso me parece bem, seres poupado; eu vou a isso.

(vai-se).

Dona Clóris: Que te parece, Nize, a descrição do noivo?

Dona Nize: Muito bom princípio leva.

Sevadilha: (à parte) Parece que o seu gênio mais se casa com o alforje.

Dom Tibúrcio: (à parte) As primas não são más; porém a moça me toa mais. (Sai Dom Lancerote)

Dom Lancerote: Sossegai, sobrinho, que já tudo está arrecadado.

Dom Tibúrcio: Agora sim; amado tio meu, por cujos humanos aquedutos circula em nacarados licores o sangue de meu progenitor, permiti, que os meus sequiosos lábios calculem esses pés, dedo por dedo.

Dom Lancerote: Levantai-vos; sois discretos, meu sobrinho; pois vosso pai era um pedaço d'asno, Deus me perdoe.

Dom Tibúrcio: Não está mais na minha mão; em abrindo a boca me chovem os conceitos aos borbotões.

Dom Lancerote: Falai a vossas primas, e minhas sobrinhas, Dona Nize e Dona Clóris.

Dom Tibúrcio: Eu vou a isso.

Soneto

Primas, que na guitarra da constância

Tão iguais retinis no contraponto,

Que não há contraprima nesse ponto,

Nem nos porpontos noto dissonância.

Oh, falsas não sejais nesta jactância;

Pois quando atento os números vos conto,

Nessa beleza harmônica remonto

Ao pletro da Felina consonância:

Já que primas me sois, sede terceiras

De meu amor, por mais que vos agaste

Ouvir de um cavalete as frioleiras;

Se encordoais de ouvir-me, ó primas, baste

De dar à escaravelha em tais asneiras,

Que enfim isto de amor é um lindo traste.

Dom Lancerote: Também sois Poeta, meu sobrinho?

Dom Tibúrcio: Também temos nosso entusiasmo, senhor tio, isto cá é veia capilar e natural.

Dom Lancerote: Oh! Quanto me pesa que sejais Poeta, pois por força haveis de ser pobre.

Dom Tibúrcio: Agora, senhor, eu sou um rico Poeta. Pois, primas, que dizeis da minha eloquência? Não me respondeis?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Dona Clóris: Os Anjos lhe respondam.

Dona Nize: Aí não há mais que dizer.

Dom Tibúrcio: Ah, senhor tio, essa rapariga é cá da obrigação da casa?

Dom Lancerote: É moça da almofada.

Dom Tibúrcio: Não é mal estreada; e que olhos que tem! Benza-te Deus!

Sevadilha: Quer Deus que trago um corninho por amor do quebranto.

Dom Lancerote: Eu cuido, Sobrinho, que mais vos agrada a criada, do que a noiva.

Dom Tibúrcio: Tudo o que é desta casa me agrada muito.

Dom Lancerote: Agora vamos ao intento: Sabereis, minhas Sobrinhas, que vosso primo Dom Tibúrcio, filho de meu irmão D. Tifônio e de dona Pantaleoa Redoldan, a qual também era irmã de vosso pai, e meu irmão D. Blianiz, vem a eleger uma de vós outras para esposa, pela mercê que me faz; que a ser possível casar com ambas, o fizera sem cerimônia, que para mais é o seu primor.

Dom Tibúrcio: Por certo que sim, e não só com ambas, mas até com a criada; pois, como digo, desejo meter no coração tudo o que dor desta casa.

Dom Lancerote: Eu o creio, meu sobrinho; nisso saís a vosso Pai.

Dona Clóris: (à parte) Não vi maior asno!

Dona Nize: (à parte) Nem eu maior simples!

(Diz dentro Semicúpio)

Simicúpio: Quem merca o Alecrim?

Dona Clóris: Ó Sevadilha, chama a esse homem do Alecrim; anda depressa.

Sevadilha: (à parte)

ÁRIA

Oráculo de amor

Propício me responde

Nas ânsias deste ardor

Bem me queres, mal me queres

Bem me queres, disse a flor.

Ai de mim, que me quer mal

Teu ingrato malmequer !

Acabou-se o meu cuidado,

Que mais tenho que esperar?

Vou-me agora regalar,

Levar boa vida, comer, e beber.

(Sai Dona Clóris)

Dona Clóris: Oh! Quanto folgo que já estejas bom!

Guerras do alecrim e mangerona

Simicúpio: E tão bom que parece que nunca tive nada.

Dona Clóris: Com que saraste?

Simicúpio: Com o mesmo mal; porque também há males que vêm por bem.

Dona Clóris: Que dizes, que te não entendo? Estás louco?

Simicúpio: Meu amo ainda o está mais do que eu, desde que te viu assim por maior esta manhã; e assim para significar-te a tremendíssima eficácia de seu amor, aqui me manda a teus pés, minto, aos teus átomos, para que com os disfarces do Alecrim possa merecer os teus agrados.

Dona Clóris: Sevadilha, põe-te a espreitar não venha alguém.

Sevadilha: Sim Senhora. Arrelá como ardil do homem! (vai-se)

Dona Clóris: E quem é esse teu ano que tanto me adora?

Simicúpio: É o Senhor Dom Gilvaz, cavalheiro de tão lindas prendas, com verbi gratia Londres e Paris.

Dona Clóris: Que ofício tem?

Simicúpio: Há de ter um de defuntos, quando morrer.

Dona Clóris: E enquanto vivo, em que se ocupa?

Simicúpio: Em morrer por vossa mercê.

Dona Clóris: Fala a propósito.

Simicúpio: Senhora, meu amor não necessita de ofícios para manter os seus estados, porque tem várias propriedades consigo muito boas; além disso tem uma quinta na semana, que fica entre a quarta e a sexta, tão grande que é necessário vinte e quatro horas, para se correr toda.

Dona Clóris: Quanto fará toda de renda?

Simicúpio: Não se pode saber ao certo; sei que tem várias rendas em Flandres, e outras em Peniche, e estas bem grossas; também tem um foro de fidalgo, e um juro de nobreza.

Dona Clóris: Basta que é fidalgo?

Simicúpio: Como as estrelas, que as vê ao meio-dia, e as estas horas não vê outra coisa; e certamente lhe posso dizer que é tão antiga a sua descendência, que diz muita gente, que descende de Adão.

Dona Clóris: Se isso é assim, talvez, que me incline a quere-lo para meu esposo.

Simicúpio: Venha a resposta, senhora, que meu amor está esperando com língua de palmo.

Dona Clóris: Pois ouve o que lhe hás de dizer.

Canta Dona Clóris a seguinte

ÁRIA

Dirás ao meu bem,

Que não desconfie,

Que adore, que espere,

Que não desespere,

Que à sua firmeza

Constante serei.

Que firme eu também

A tanta fineza

Amante, constante

Extremos farei. (vai-se)

Simicúpio: Vencido está o negócio; mas o capote do velho cá não há de ficar por vida de Semicúpio; que se a ocasião faz o ladrão, hei de sê-lo por não perder a ocasião. (vai-se com o capote).

(Sai Sevadilha)

Sevadilha: Espera, homem, onde levas o capote? E foi-se como um cesto rosto? Ai, mofina desgraçada, que há de ser de mim se meu amo não achar o seu rico capote?

(Sai Dom Lancerote)

Dom Lancerote: Já sarou o homem, Sevadilha?

Sevadilha: Sim, Senhor.

Dom Lancerote: Já se foi?

Sevadilha: Sim, Senhor.

Dom Lancerote: Guardaste o capote?

Sevadilha: (à parte) Ai é ela.

Dom Lancerote: Não ouves? Guardaste o capote?

Sevadilha: Qual capote?

Dom Lancerote: O meu.

Sevadilha: Qual meu?

Dom Lancerote: O meu de Saragoça.

Sevadilha: Ah sim, o capote do homem do Alecrim?

Dom Lancerote: Qual homem?

Sevadilha: O do acidente.

Dom Lancerote: Tu zombas?

Sevadilha: Zombaria fora, o homem levou o capote

Dom Lancerote: O meu capote?

Sevadilha: Eu não sei, se ele era de vossa mercê, o que sei é que o homem do Alecrim levou um capote, com que estava coberto.

Dom Lancerote: E como o levou?

Sevadilha: Nos ombros.

Dom Lancerote: O meu capote furtado?

Sevadilha: Pois nunca se viu furtar um capote?

Dom Lancerote: Não, bribantona, que era um capote aquele que nunca ninguém o furtou. Oh, dia infeliz, dia aziago, dia indigno de que o Sol te visite com os seus raios!

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Guerras do alecrim e mangerona

Sevadilha: Santa Bárbara!

Dom Lancerote: Tu, descuidada, hás de pôr para ali o meu capote, ou do corpo to hei de tirar.

Sevadilha: Como mo há-de tirar do corpo se eu o não tenho?

Dom Lancerote: Desta sorte.

Cantam Dom Lancerote e Sevadilha: a seguinte

ÁRIA A DUO

Dom Lancerote:

Moça tonta, descuidada,

Sevadilha:

Há mulher mais desgraçada

Neste mundo? Não, não há.

Dom Lancerote:

Se não dás o meu capote,

Tua capa hei de rasgar.

Sevadilha:

Não me rasgue a minha capa.

Dom Lancerote:

Dá-me, moça, o meu capote.

Sevadilha:

Minha capa.

Dom Lancerote:

Meu capote.

Ambos:

Trata logo de o pagar.

Dom Lancerote:

Meu capote assim furtado!

Sevadilha:

Meu adorno assim rasgado!

Ambos:

Que desgraça!

Dom Lancerote:

Contra a moça.

Sevadilha:

Contra o velho.

Ambos:

A justiça hei de chamar:
Meu capote donde está?
(vão-se).

CENA I I I

Praça: no fim haverá uma janela. Sai Dom Gilvaz embuçado.

Dom Gilvaz: Disse a Semicúpio que aqui o esperava; mas tarda tanto que entendo o apanharam na empresa. Mas, se será aquele, que ali vem? Não é Semicúpio, que ele não tem capote. Quem será?

(Sai Semicúpio embuçado em um capote).

Simicúpio: Lá está um vulto embuçado no meio do caminho; queira Deus não me chegue ao vulto; não sei se torne para trás, mas pior é mostrar covardia; eu faço das tripas coração; vou chegando, mas sempre de longe.

Dom Gilvaz: Ele vem se chegando, e eu confesso que não estou todo trigo.

Simicúpio: Este homem não está aqui para bom fim; eu finjo-me valente: afaste-se lá, deixe-me passar, aliás o passarei.

Dom Gilvaz: Vossa mercê pode passar.

Simicúpio: Ai, que é D. Gil! Pois agora farei com que me tenha por valoroso. Quem está aí? Fale, quando não despeça-se desta vida que o mando para a outra.

Dom Gilvaz: Primeiro perderá a sua, quem me intenta reconhecer.

Simicúpio: Tenha mão, Senhor Dom Gilvaz, que sou Simicúpio.

Dom Gilvaz: Se não falas, talvez que a graça te saísse cara.

Simicúpio: Igual vossa mercê, que se o não conheço pela voz, sem dúvida, Senhor Dom Gilvaz, lhe prego como o seu nome na cara.

Dom Gilvaz: Deixemos isso, dá-me novas de Dona Clóris; dize, pudeste dar-lhe o recado?

Simicúpio: Não sabe que sou o César dos alcoviteiros? Fui, vi e venci.

Dom Gilvaz: Dá-me um abraço, meu Semicúpio.

Simicúpio: Não quero abraços, venham as alvíssaras, senão emudeci como Oráculo.

Dom Gilvaz: Em casa tas darei; conta-me primeiro, que fazia Dona Clóris?

Simicúpio: Isso são contos largos, estava toda rodeada de braseiros de Alecrim, com um grande molho dele no peito, cheirando a Rainha de Hungria, mascando Alecrim como quem masca tabaco de fumo; e como acabava de jantar, vinha palitando com um palito de Alecrim e finalmente, senhor, com o Alecrim anda toda tão verde como se tivera tirícia.

Dom Gilvaz: E do mais que passaste?

Simicúpio: Isso é para mais de vagar, basta que saiba por ora que apenas lancei o anzol no mar da simplicidade de Dona Clóris, picando logo na minhoca do engano, ficou engalhada com o engodo de mil patranhas que lhe encaixei à mão tente.

Dom Gilvaz: Incríveis são as tuas habilidades: e que capote é esse?

Simicúpio: Este é o despojo do meu triunfo; joguei com o velho os centos, e ganhei-lhe este capote; e se vossa mercê soubera a virtude que ele tem, pasmaria.

Dom Gilvaz: Que virtude tem?

Simicúpio: É um grande remédio para sarar acidentes de gota coral.

Dom Gilvaz: Conta-me isso.

(Sai Dom Fuas embuçado)

Simicúpio: Falemos de manso, que aí vem um homem.

Dom Fuas: Esta é a janela da cozinha de Dona Nize, que apesar da escuridade da noite a conhece o meu instinto pelos eflúvios odoríferos que exala a Pancava daquela Fênix.

Dom Gilvaz: Semicúpio, um homem ao pé da janela de Dona Clóris? Isto não me cheira bem.

Simicúpio: Como lhe há de cheirar bem, se isto é um monturo?

(Aparece Fagundes à janela)

Fagundes: Cê, é vossa mercê mesmo?

Dom Fuas: Sou eu mesmo, e não outro, que impaciente espero novas de meu bem.

Dom Gilvaz: Não ouviste aquilo, Semicúpio.

Simicúpio: Aquilo é que não cheira bem, Senhor Dom Gilvaz.

Fagundes: Não basta que vossa mercê diga que é mesmo, é necessário a senha, e a contra-senha.

Dom Fuas: Pois atenda.

(Canta Dom Fuas o seguinte)

MINUETO

Já que a fortuna
Hoje me abona,
A Manjerona,
Quero exaltar.
No seu triunfo
Que a fama entoa,
Palma, e coroa
Há de levar.
Há de por certo,
Que a sua rama
Na voz da fama
Sempre andar.

Dom Gilvaz: Este é Dom Fuas, pela senha da Manjerona: que te parece, Semicúpio, o quanto tem adiantado o seu amor?

Simicúpio: Quidquid sit, o primeiro milho é dos pássaros, o segundo é cá para os melros.

Fagundes: Suba por essa escada.

(Lança a escada).

Dom Fuas: Segure bem. (sobe).

Simicúpio: Senhor Dom Gil, agora é tempo de subir também pois estamos em era de atrepar;

Guerras do alecrim e mangerona

não perca a ocasião.

Dom Gilvaz: Vem tu também. (sobe).

Simicúpio: Eu também vou a render à escala vista esse castelo de Cupido.

Fagundes: Tenha mão, senhor, que é o que quer?

Dom Gilvaz: Manjerona.

Fagundes: Vossa mercê, meu fidalgo, quem procura?

Simicúpio: Também Manjerona, em lugar de Sevadilha, que tudo faz bom tabaco.

Fagundes: Isto cá está por estanque, não entra quem quer.

Simicúpio: Se não entra quem quer, entrará quem não quer.

Fagundes: Vá-se daí, que não conheço Framengos à meia-noite.

Simicúpio: Tem mão, não me empurres.

Fagundes: Não há de entrar.

Simicúpio: Ó mulher, não me precipites, que sou capaz de te escalar.

Fagundes: Vá-se cos diabos, seja quem for.

(Empurra a escada, que cai com Semicúpio)

Simicúpio: Ai, que me derreaste, bruxa infernal! Tu me pagarás o semicúpio que me fizeste tomar. Estes são os ossos do ofício; mas para que tudo não sejam ossos, vamos levando esta escada, que sempre valerá alguma coisa: ao menos se não morri da queda, vou para casa em uma escada. (Vai-se Simicúpio e leva a escada)

CENA IV

Gabinete. Sai Fagundes trazendo pela mão a Dom Fuas, e de trás virá Dom Gilvaz embuçado.)

Fagundes: Pise de mansinho; que se acorda, será para no enforçar.

Dom Fuas: Recontou a Dona Nize os extremos, com que a idolatro?

Fagundes: Não me ficou nada no tinteiro: meu senhor, nessa matéria tenho tanta elegância que sou outra Marca Túlia Cicerona.

Dom Fuas: Ai, Fagundes, se casará D. Nize com o primo! Mas quem está aqui atrás de nós?

Dom Gilvaz: (à parte) Não quero dar-me a conhecer a Dom Fuas, por ver se com os zelos desiste da empresa, para que só triunfe o Alecrim.

Dom Fuas: Cavalheiro, vós daqui não haveis de passar, ou ambos ficaremos aqui mortos, sem dizer-me primeiro o que buscais nesta casa?

Dom Gilvaz: O mesmo que vós buscais.

Dom Fuas: O que eu busco, não vos pode pertencer.

Dom Gilvaz: Nem o que me pertence, podeis vós buscar.

Fagundes: Senhores meus, acomodem-se que pode acordar o Senhor Dom Lancerote, e o dano será de todos.

Dom Fuas: Queres que me cale à vista dos meus zelos?

(Sai Dona Nize)

Dona Nize: Que ruído é este, Fagundes?

Dom Fuas: Sinto, Senhora Dona Nize, que a primeira vez que me facilitais esta fortuna, me hospedeis com zelos.

Dona Nize: Nos sei que motivo haja para os haver.

Dom Fuas: Es senhor embuçado que aqui me vem seguindo, e diz que procura o mesmo que eu busco.

Dona Nize: Sabe ele porventura o que vós procurais?

Dom Fuas: Ele que diz que sim, certo é que o sabe.

Dona Nize: Senhor, vós acaso vindes aqui a meu respeito? (Para D.Gil).

Dom Gilvaz: (À parte) Nada hei de responder.

Dom Fuas: Quem cala consente: não averigüemos mais, Senhora Dona Nize, só sinto que a sua Manjerona admita enxertos de outras plantas.

Dona Nize: Esse é o pago que me dais, de admitir a vossa correspondência, de obrar este excesso a vosso respeito, e de me expor a este perigo por vossa causa?

Dom Fuas: Melhor fora desenganar-me que essa era a melhor fineza que vos podia merecer.

Dona Nize: Pois eu digo-vos que estou inocente, que não conheço este homem; e me parece que basta dizê-lo, para me acreditares.

Dom Fuas: E bastava ver eu o contrário, para não acreditar essas desculpas.

Guerras do alecrim e mangerona

Dona Nize: Pois visto isso, fiquemos como dantes.

Dom Fuas: De que sorte?

Dona Nize: Desta sorte.

Canta Dona Nize a seguinte

ÁRIA

Suponha, senhor,
Que nunca me viu,
E que é o seu amor
Assim como a flor,
Que apenas nasceu,
E logo murchou.
Pois tanto me dá
De seu pretender,
Que firme suponho
Seria algum sonho,
Que pouco durou.
(Vai-se).

Dom Fuas: Nize cruel, isto ainda é maior tirania; escutam-me. (Vai-se).

Fagundes: Vá lá dar-lhe satisfações que ela é bonita para essas graças. E vossa mercê, senhor rebuçado, a que sim quis profanar osagrado desta casa?

Dom Gilvaz: A ver o bem que adoro.

Fagundes: Vossa mercê está zombando? Aqui não há quem possa ser amante de vossa mercê; pois bem vê o recato e honra desta casa.

Dom Gilvaz: Eu bem vejo o recato e honra desta casa. Que? Aquilo de subir um homem por uma janela, e ir-se para dentro atrás de uma mulher, não é nada?

Fagundes: Aquele homem é primo carnal da Senhora Dona Nize.

Dom Gilvaz: Pois eu também quero ser muito conjunto da Senhora Dona Clóris: ora faça-me o favor de a ir chamar.

Fagundes: Que diz? A Senhora Dona Clóris? Olha tu lá, Dona Clóris não te enganes; sim, a outra, que anda coberta de cilícios, jejuando a pão e água; tire daí o sentido, meu senhor.

Dom Gilvaz: Se a não fores chamar, a irei eu buscar.

Fagundes: Ai, senhor, vossa mercê tem alguma legião de diabos no corpo? E que remédio tenho senão chamá-la, antes que o homem faça alguma asneira, que ele tem cara de arremeter. (Vai-se).

Dom Gilvaz: Venha logo, que eu não posso esperar muito tempo. A velha queria corretagem: basta que lha dê Dom Fuas.

(Sai Dona Clóris)

Dona Clóris: Senhor, vossa mercê, que pretende com tantos excessos? A quem procura?

Dom Gilvaz: Eu, Senhora Dona Clóris, sou Dom Gilvaz, aquele impaciente amante, que atropelando impossíveis vem, qual salamandra de amor, a abrasar-se nas chamas do seu Alecrim, como vítima da mesma chama.

Dona Clóris: Senhor Dom Gilvaz, como entendo o seu amor só se encaminha ao lícito fim de ser meu esposo, por isso lhe facilito os meus agrados, mas não tão francamente que primeiro não haja de experimentar no crisol da constância os raios do seu amor.

Dom Gilvaz: Mui pouco conceito fazeis da vossa beleza; pois se antes de admirar essa formosura em ocultas simpatias soubestes atrair todos os meus afetos, como depois de admirar o maior portento de perfeição, poderia haver em mim outro cuidado mais, que o de adorar-vos com tão imóvel constância, que primeiro se moverão as estrelas fixas que sejam errantes as minhas adorações?

Dona Clóris: Isto é de veras, Senhor Dom Gil?

Dom Gilvaz: Se eu morro de veras, como hei de falar zombando?

SONETO

Tanto te quero, ó Clóris, tanto, tanto;
E tenho neste tanto tanto tanto,
Que me cuidar que te perco, me espavento,
E em cuidar que me deixas, me ataranto.
Se não sabes (ai, Clóris) o quanto o quanto
Te idolatra rendido o pensamento,
Digam-te os meus suspiros cento a cento.
Soletra-o nos meus olhos pranto a pranto.
O quem pudera agora encarecer-te
Os esquisitos modos de adorar-te
Que o amor soube inventar para quere-te!
Ouve, Clóris; mas não, que hei de assustar-te;
Porque é tal o meu incêndio, que ao dizer-te
Ficaras no perigo de abrasarte.

Dona Clóris: Senhor D. Gil, as suas finezas por encarecidas perdem a estimação de verdadeiras; que quem tem a língua tão solta para os encarecimentos, terá presa a vontade para os extremos.

Dom Gilvaz: Como há de haver experiências na minha constância, serão os sucessos de minhas finezas os cronistas de meu amor.

Canta Dom Gilvaz a seguinte:

ÁRIA

Viste, ó Clóris, a flor gigante,
Que procura firme, amante,

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Guerras do alecrim e mangerona

Seguir sempre a luz do Sol?

Dessa sorte, sem desmaios,

Sol, que gira, são teus raios,

E meu peitogirassol.

Mas, ai, Clóris, que a luz pura

De teus raios mais se apura

De meu peito no crisol.

Dona Clóris: Cessa, me bem, de encarecer-me o teu amor, já sei são verdadeiras as tuas expressões. Oh, se eu tivera a fortuna, que essas vozes as não levasse o vento para aumentar com elas a força de sua inconstância!

(Sai Sevadilha)

Sevadilha: É bem feito! É bem empregado!

Dona Clóris: O que, Sevadilha?

Sevadilha: O senhor, que está acordado.

Dona Clóris: Não pode ser a estas horas; não te creio, que és uma medrosa.

Sevadilha: Falo verdade e não minto. Canta Sevadilha a seguinte:

ÁRIA

Senhora, que o velho,

Se quer levantar!

Mofina de mim,

Que ouvi escarrar,

Falar, e tossir!

Senhor, vá-se embora, (Para D.Gilvaz)

Vá já para fora,

Senão o papão,

Nos há de engolir.

Fagundes: Ui, senhores, isto é coisa de brinco? O senhor seu tio está com tamanho olho aberto que parece um leão, que está dormindo; deite fora esse homem e venha-se agasalhar, que já vem amanhecendo.

Dona Clóris: Pois deitem fora da D.Gil: me bem, estimarei que as suas obras correspondam às suas palavras. (Vai-se).

(Saem Dona Nize e Dom Fuas)

Dona Nize: Fagundes, encaminha a Dom Fuas, que meu tio está acordado

Dom Fuas: (à parte) Ainda o embuçado aqui está? É para ver! Ah, cruel!

Dona Nize: Anda, Fagundes.

Fagundes: Senhora, que não há escada para descerem.

Dona Nize: E aquela por onde subiu, aonde está?

Fagundes: Empurrei-a com um homem, que também queria subir.

Dom Gilvaz: (à parte) Devia ser Semicúpio.

Dom Fuas: Pois como há de ser?

Sevadilha: Não há mais remédio, que saltar pela janela.

Fagundes: Mas vejam não caiam no alfuje.

Dom Gilvaz: (à parte) Em boa estou metido!

Dom Fuas: Aonde está a chave da porta?

Sevadilha: A chave tem guardas e está agasalhada no travesseiro do velho, por não dormir numa porta.

Dom Lancerote: Fagundes, venha abrir esta janela, que já vem amanhecendo. (Dentro)

Fagundes: Eis aqui mercês o que quiseram!

Dom Lancerote: Fagundes, que faz, que não vem? (Dentro)

Fagundes: Estou enxotando o gato da vizinha: sape gato. Senhores escondam-se aonde for.

Dona Nize: ai, que desgraça!

Dom Lancerote: (Dentro) Sevadilha, que é isto lá?

Sevadilha: (Dentro) É o gato da vizinha: sape gato.

Simicúpio: (Dentro) Abram a porta que se queima a casa: fogo, fogo!

Fagundes: Ai, que há fogo na casa! São Marçal.

Dona Nize: Eu estou morta!

Dona Clóris: Ai, que se queima a casa, que desgraça! (Sai).

Dom Fuas: Pior é esta!

Dom Gilvaz: Há horas minguadas!

Simicúpio: (Dentro) Abram a porta, que há fogo, fogo!

Sevadilha: Mofina de mim, que lá vão os meus tarecos.

Simicúpio: (Dentro) Não ouvem? Pois lá vai a porta pela porta fora.

(Sai Semicúpio com uma quarta às costas, e ao mesmo tempo entra Dom Lancerote em fralda de camisa, e Dom Tibúrcio embrulhado em um lençol, com uma candeia de garavato na mão).

Simicúpio: Fogo! Fogo!

Fagundes: Adonde é, meu senhor?

Dom Tibúrcio: Que é isto cá?

Dom Lancerote: Fogo aonde, se eu não veja fumo?

Simicúpio: Como há de ver o fumo, se o fumo faz não ver?

Dom Tibúrcio: Aqui me cheira a Alecrim queimado.

Dom Lancerote: Dizes bem; Clóris, acendeste algum Alecrim?

Dona Clóris: Eu, senhor, não... foi... porque sempre...

Guerras do alecrim e mangerona

Dom Lancerote: Cala-te, que eu porei o Alecrim com dono; há mais mofino homem! Lá vai o suor de tantos anos.

Simicúpio: Com ele podia vossa mercê apagar este fogo.

Dom Gilvaz: (à parte) Estou admirado de ver a traça de Semicúpio!

Dom Tibúrcio: Senhores, acudamos a isto, que se acaba a torcida.

Dom Lancerote: Vede, sobrinho, ainda assim não se entorna o azeite.

Dona Nize: Ai, os meus craveiros de Manjerona!

Dona Clóris: Ai, os meus olhos de Alecrim!

Fagundes: Ai, a minha canastra!

Sevadilha: Ai, os meus tarequinhos!

Dom Lancerote: Ai, a minha burra!

Dom Tibúrcio: Ai, o meu alforje!

Simicúpio: Ai com tanto ai! Senhores, aonde é o fogo?

Dom Lancerote: Vejam, vossas mercês, bem por essas casas aonde será.

Semicúpio: Entremos, senhores, antes que se ateie o incêndio.

Dom Gilvaz e Dom Fuas: Vamos.

(Entram Semicúpio, Dom Fuas e Dom Gilvaz e logo torntm a sair)

Dom Lancerote: Vereis vós, tramposinha, que fim leva o Alecrim.

Dona Clóris: O Alecrim não tem fim, que nunca murcha.

(Saem os três)

Dom Gilvaz: Não se assustem, que não é nada.

Dom Fuas: Já se apagou, Deus louvado.

Dom Lancerote: Aonde foi? (O fogo)

Simicúpio: Foi no almofariz, que estava ao pé da isca.

Sevadilha: Pois eu não fui que a petisquei.

Fagundes: Pois eu nem no ferrolho.

Simicúpio: Pois eu ainda estou em jejum.

Dom Lancerote: Ora, meus senhores, vossas mercês me vivam muitos anos pela honra que me fizeram.

Dom Gilvaz: Sempre buscarei ocasiões de servir a esta casa. (vai-se).

Dom Fuas: E eu não menos. (vai-se).

Simicúpio: Agradeça-nos a boa vontade, não mais.

Fagundes: Se não houvessem boas almas, já o mundo estava acabado.

Dona Clóris: (à parte) Eu estou pasmada do sucesso!

Dona Nize: (à parte) E eu não estou em mim!

Dom Tibúrcio: Ora, com licença, meus senhores, que me vou por em fresco. (vai-se).

Dom Lancerote: Eu, todavia, ainda não estou sossegado. Viu nossa mercê bem na chaminé?

Simicúpio: Para que vossa mercê descanse de todo, vazarei esta quarta nos narizes daquela velha, que são duas chaminés.

Fagundes: Ai, que me ensopou! Senhor, que mal lhe fiz?

Simicúpio: É dar-lhe a molhadeira de certa obra.

Dom Lancerote: Que fez vossa mercê?

Simicúpio: Deixe, senhor; isto é para que se lembre e tenha cuidado no fogo, que facilmente se pode atear por um acidente.

Fagundes: Vou mudar de camisa. (vai-se).

Dona Nize: Tomara aproveitar os cacos para a minha Manjerona.

Dom Lancerote: Esta advertência merece esta moça, que é uma descuidada, que por seus desmazelos me deixou furtar um capote.

Cantam Dom Lancerote, Sevadilha, Semicúpio, Dona Clóris e Dona Nize a seguinte:

ÁRIA A CINCO

Dom Lancerote:

Tu, moça, tu tonta

Sentido no fogo,

Senão tu verás.

Sevadilha:

Debalde é o seu rogo,

Que fogo sem fumo

Não é bom sinal.

Simicúpio:

Que linda pilhage,

Que fogo selvage,

Que lambe voraz!

Dona Clóris:

Não sente quem ama.

Dona Nize:

Não temo esta chama.

Ambas:

Que é fogo de amor.

Dom Lancerote:

Cuidado no fogo.

Sevadilha:

Debalde é o seu rogo.

Guerras do alecrim e mangerona

Dom Lancerote e Sevadilha:

Que fogo sem fumo

Não é bom sinal.

Dom Lancerote:

Sentido, cuidado.

Simicúpio:

Que fogo salvage.

Todos exceto Dom Lancerote:

Que é fogo de amor.

Todos:

Cuidado, pois, cuidado,

Que algum furor vendado

Fulmina tanto ardor.

FIM DO PRIMEIRO ATO

Guerras do alecrim e mangerona